

# 17-01-2014 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de anúncio de investimentos do PAC 2 Mobilidade Urbana - Belo Horizonte/MG

**Belo Horizonte-MG, 17 de janeiro de 2014**

Queria cumprimentar a todos os mineiros e as mineiras,

Saudar o nosso governador do estado de Minas Gerais, Antonio Anastasia,

Cumprimentar os ministros de Estado: Aguinaldo Ribeiro, das Cidades; Fernando Pimentel, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; Helena Chagas, da Secretaria de Comunicação da Presidência da República.

Cumprimentar também, aqui, os prefeitos presentes, ao saudar o prefeito que nos recebe hoje, Márcio Lacerda; o prefeito de Contagem, Carlin Moura; o prefeito de Nova Lima, Cassinho; a prefeita de Ribeirão das Neves, Daniela Corrêa; o prefeito de Santa Luzia, Carlos Calixto. E, com eles, eu cumprimento todos os prefeitos aqui presentes.

E, também, cumprimentar o vice-governador de Minas Gerais, Alberto Pinto Coelho,

Não poderia deixar de cumprimentar os deputados federais: a deputada Jô Moraes, o deputado Miguel Corrêa, o deputado Nilmário Miranda, o deputado Odair Cunha, o deputado Padre João, o deputado Toninho Pinheiro e o deputado Weliton Prado.

Cumprimentar o secretário nacional de Transporte, da Mobilidade Urbana, Júlio Eduardo dos Santos,

Cumprimentar o secretário nacional de Atenção à Saúde, Helvécio Magalhães,

Cumprimentar o presidente da Caixa, aqui representado pelo vice-presidente, senhor José Urbano Duarte,

Cumprimentar o secretário de Estado de Turismo e Esporte, o Tiago Lacerda,

Cumprimentar todos os deputados estaduais, todos os vereadores, todos os secretários de governo aqui presentes,

Cumprimentar o Délio Malheiros, vice-prefeito de Belo Horizonte,

Cumprimentar os senhores jornalistas e as senhoras jornalistas, os nossos fotógrafos e os cinegrafistas.

Eu queria dizer para vocês que eu tenho vindo aqui em Minas Gerais, especialmente em Belo Horizonte e em outras cidades do interior, em várias circunstâncias. E, em todas essas circunstâncias, uma coisa ocorre em todos os casos e em todas as circunstâncias: é a parceria que a gente estabelece, essa parceria cooperativa, como muito bem falou o nosso governador de Minas, Anastasia, entre o governo do estado e os prefeitos. Essa é uma parceria que tem sido essencial para desenvolver o Brasil, tanto do ponto de vista das questões que envolvem infraestrutura, das questões que envolvem investimentos em geral,

investimentos privados, também, no que se refere aos financiamentos e aos suportes necessários, mas também na área de infraestrutura urbana, de mobilidade e, sobretudo, em uma questão essencial, que é a questão do desenvolvimento social do país.

Nós conhecemos e respeitamos as atribuições dos estados e dos municípios, e isso conhecemos bem, na questão do transporte coletivo, na gestão desse transporte. E temos procurado apoiar as iniciativas necessárias para mudar a infraestrutura urbana de nosso país. Mesmo que uma série de atribuições sejam dos estados e municípios, é uma visão absolutamente incorreta pensar, como pensou-se no passado, que o governo federal, a União, podia ter uma atitude do tipo Pôncio Pilatos: lavar as mãos diante do problema. Por quê? Porque a questão do transporte e da mobilidade urbana, a questão social, a questão dos investimentos em infraestrutura, elas exigem volumes expressivos de recursos. Esses volumes expressivos de recursos, eles têm que ser alocados em conjunto, de forma cooperativa, para que o desenvolvimento ocorra, para que as obras aconteçam e, sobretudo, para que a população do país seja de fato o grande interesse nosso, o foco do nosso interesse, e ela seja beneficiada.

O que nos une é o fato de que todos nós fomos eleitos pelo voto popular. E é isso que fundamenta a nossa cooperação. Nós temos que responder a todos os que nos elegeram e também aos que não votaram em nós. Nós somos obrigados a, ao nos eleger, responder perante toda a população. Por isso eu sempre digo: eu sou presidenta de todos os brasileiros. Agora, como presidenta de todos os brasileiros, eu não posso fazer discriminação por partido político, por time de futebol, viu, gente? Estavam ali tentando me convencer a fazer uma discriminação por time de futebol. Por time de futebol, por religião – isso mesmo, Galo. Não eu tenho... eu sou obrigada a falar no Cruzeiro, vocês me desculpem, falo nos dois, como eu não posso discriminar.

Bom, então, o que acontece? Acontece que também há uma questão fundamental: no Brasil tem gente que precisa mais em algumas áreas, principalmente aquelas pessoas que foram, durante séculos, afetadas pela marginalização, seja, por exemplo, do período colonial, nós temos a marca da escravidão neste país e que nós temos que apagar essa marca. Como decorrência dessa marca, ficou um pouco de racismo e de racismo também do ponto de vista da sociedade. O número maior de pobres nesse Brasil é negro. E isso são as estatísticas do Censo de 2010 que comprovam.

Ao mesmo tempo, nós temos que trabalhar para todos e, ao fazer isso, todos se beneficiarão. A mobilidade urbana, o transporte público, é isso. O transporte público é eminentemente uma ação que nós fazemos para contemplar todo o povo de uma região metropolitana de uma grande cidade, de uma cidade média, e também dos pequenos municípios. No caso específico que me traz aqui, eu venho aqui mais uma vez para anunciar recursos federais e para anunciar, portanto, a nossa participação nos investimentos em mobilidade urbana na grande Belo Horizonte. Esse é o primeiro motivo da minha visita. São, como o ministro mostrou, mais, nesta visita, mais de R\$ 2,5 bilhões para obras de transporte coletivo aqui na região.

E aí é que vem também que nós temos de ter clareza: metade disso o governo federal tira do seu próprio orçamento. Vai lá, coloca no Orçamento da União que nós temos que investir tanto aqui em Belo Horizonte. A outra metade – aqui na região metropolitana. A outra metade é financiamento. E aí eu queria explicar para vocês que uma outra questão grave no Brasil é que nós paramos, uma época, de investir, não se investia no Brasil. Tanto é assim que o meu governo, apesar de no final o governo Lula ter conseguido recursos para colocar em mobilidade urbana, só no meu governo nós conseguimos elevar esse investimento a uma cifra que começa a resolver o problema, eu não digo que ela resolve totalmente o problema, mas começa a resolver.

Nós estamos colocando em mobilidade urbana, nos quatro anos do meu governo, para o Brasil inteiro, um pouco mais de R\$ 140 bilhões. É por isso que eu venho aqui, hoje, complementar todas as visitas que eu já fiz e anunciar esses R\$ 2,5 bilhões, que vão explicar porque aqui nós temos, só do governo federal, um investimento de R\$ 6 bilhões em mobilidade urbana. Desses R\$ 2,5 bilhões... então, eu estava dizendo metade a gente tira do

bolso e a outra metade a gente financia, o governo e a prefeitura, mas nós financiamos em condições que eu diria que são aquelas que fundamentam a cooperação: em 30 anos, com quatro anos de carência e juros de 5%.

Nós financiamos olhando que é esse o único jeito para que os estados e os municípios possam investir. Ninguém investe em metrô e acha que o retorno do metrô vai ocorrer, ele vai se pagar em cinco anos. Eu, quando cheguei no governo federal a primeira vez, o máximo de anos que se financiava eram sete anos. Hoje, nós estamos financiando 30 anos, com quatro anos de carência, para ter condições do estado e do município pagarem esse recurso. Por isso, nós podemos juntos, o estado com os recursos dele, os municípios com recursos dele, a União com recursos dela, juntar nossos esforços e investir.

Eu falo, aqui, dos investimentos da União, mas eu quero esclarecer que eles viabilizam o investimento maior. O que nós colocamos é que nem fermento em bolo, o bolo cresce e os estados e os municípios participam e melhoram a participação porque o bolo cresce. Eu fico muito feliz com essas obras, primeiro porque pra mim é muito interessante porque eu fico lá buscando na minha memória, porque a gente, na minha época, andava muito a pé. Então, muita coisa da cidade, eu acho que uma cidade a gente conhece muito quando anda a pé. Naquela época ela era bem menor. Eu não vou dizer há quantos anos eu saí daqui, porque vocês vão descobrir a minha idade. É só deduzir. E eu não sou das mais novas.

Mas Belo Horizonte, a gente chegava fácil de um lugar a outro, também porque as coisas eram mais ainda, a avenida do Contorno não tinha transbordado tanto. A avenida do Contorno sinalizava uma parte, mas a cidade ela cresceu de uma forma extraordinária, daí a importância, por exemplo, de um metrô que conecte a estação de Santa Teresa à praça Raul Soares. E isso passando pelo Palácio das Artes e por aquela região dos hospitais. É importantíssimo esse complemento da linha do metrô já existente, que aumenta aquela que vai da Lagoinha à Savassi, que complementa mais duas estações, e, portanto, ela se amplia, e vai até o Morro do Papagaio.

Com o apoio do meu governo, Belo Horizonte está conseguindo, e eu quero aqui sinalizar que é um desempenho excelente, se a gente considera as outras cidades e outras regiões metropolitanas do país e nisso o governador e o prefeito estão de parabéns. É outro desempenho excelente. Nós vamos, ao concluir esses investimentos, vamos chegar a 44,5 km de linhas de metrô aqui na grande Belo Horizonte, com 31 estações. Esse é o cálculo do Ministério das Cidades.

Por que eu lembro aqui Metrô? Eu lembro o metrô porque metrô é uma obra que não seria feita sem a parceria entre nós e sem a participação do governo federal, porque é uma obra cara, e durante muito tempo no Brasil se julgou que não era necessário colocar dinheiro em metrô, o que é um grande equívoco que vai custar de nós – aliás, já está custando de nós e continuará custando dos que nos sucederem – toda a atenção devida, toda a prioridade. Porque para transporte urbano de massa em uma cidade grande como é Belo Horizonte, em uma região metropolitana adensada, é fundamental o metrô. O metrô é algo importantíssimo, não só pela rapidez, mas porque é ele que articula os outros modais de transporte: os BRTs, os VLTs, quando há, os corredores de ônibus, enfim, em algumas cidades, até o sistema hidroviário. Daí porque para mim é [são] muito importante[s] esses anúncios, hoje.

Além disso, em parceria com o governo do estado como mostrou o ministro das Cidades, nós vamos construir corredores metropolitanos, como o corredor norte e oeste e também estamos financiando essa avaliação da construção para que se tenha o projeto necessário para que se construa a ligação entre o bairro Novo Eldorado, em Contagem, e o bairro de Belvedere, em Belo Horizonte. É uma linha que faz uma ligação de Belo Horizonte. Em parceria com a prefeitura nós estamos construindo vários corredores de ônibus, em torno de 42 km de extensão; 92 km de ciclovias. A ciclovias é um transporte civilizado, é um transporte fundamental, principalmente aqui na região de Belo Horizonte, nos locais onde a gente não tem que fazer aquele esforço danado e subir morro. Mas a ciclovias é algo essencial em qualquer cidade.

Concluindo, eu quero dizer para vocês, concluindo a parte de mobilidade urbana, eu quero dizer para vocês que toda essa carteira de projetos chega a mais de R\$ 6 bilhões e viabiliza um investimento global de R\$ 8 bilhões. Beneficia cidades, várias cidades, não só da grande Belo Horizonte, mas também Uberaba, Uberlândia, Juiz de Fora, Governador Valadares e Montes Claros. Eu conto com os senhores prefeitos, conto com o senhor governador, para que essas obras – eu sempre digo que o nosso grande desafio é prazo – para que essas obras sejam feitas o mais rápido possível.

Eu queria aproveitar o momento e dizer para vocês que também eu vim aqui em Minas Gerais para anunciar um investimento, que é a inclusão no PAC de uma obra que é esperada por mais, por algumas décadas, eu não sei precisamente quantas décadas, mas por algumas décadas, que é a pavimentação dos 51 km da BR-174, entre Ituiutaba – e aqui está o prefeito de Ituiutaba – entre Ituiutaba e o entroncamento com a BR-364, no distrito de Bastos, no Triângulo Mineiro. Nós vamos investir nessa obra em torno de R\$ 103 bilhões [milhões], é uma obra que vai ter duas faixas de tráfego de 3,5 metros de largura, mas vai ter, também, quatro pontes. Ela é uma obra essencial para escoar a produção agrícola da região. E vai beneficiar também o prefeito de Uberaba, ali, e de Uberlândia, principalmente Uberlândia, que está rindo ali para mim, muito alegre.

E eu queria dizer mais umas coisas aqui. Nós temos feito um grande esforço aqui em Minas para viabilizar investimentos em rodovias. Queria, rapidamente, fazer um balanço para vocês das três rodovias que nós concedemos no ano passado: a [BR]-050, a [BR]-060 e a [BR]-040. As três, a [BR]-050 ligando Goiás e Minas Gerais, ela foi uma rodovia que nós concedemos à iniciativa privada com um pedágio de R\$ 4,53, com um deságio de 42%.

A BR-060 que, na verdade, é a [BR]-060, a [BR]-153 e a [BR]-262, e ela é uma BR bastante longa, mais de mil quilômetros. Ela, com um deságio de 52%, tem um dos menores pedágios do Brasil – ela é essencial também para Minas Gerais – R\$ 2,85. E a BR-040, também um grande deságio.

O que eu queria dizer para vocês é que essas três BRs, elas estão dentro de um novo modelo, um modelo que nós iniciamos com essas cinco licitações, das quais essas três rodovias fizeram parte. Por ele, as pessoas que ganham a concessão, os empresários, só podem cobrar pedágio quando 10% da obra de duplicação, de ampliação ou de construção estiver feito. E tem que construir toda a rodovia, ou a duplicação, ou a construção, se for um trecho novo, ou a ampliação, nos cinco primeiros anos do contrato. Isso muda o cenário das concessões no Brasil, acelera os investimentos e garante que o Brasil terá obras de infraestrutura mais rápidas, com preços competitivos, porque eles saíram de leilões com grandes deságios, e leilão só tem grande deságio quando tem grande concorrência. Daí porque eu acredito que nós estamos, nessa área que liga mobilidade urbana, mas liga também transporte, nós estamos fazendo um processo muito importante em todo o Brasil, e em especial aqui em Minas Gerais.

Eu vou mencionar um exemplo de parceria do governo federal com o governo de Minas: é a requalificação do trecho existente do anel rodoviário de Belo Horizonte, para o qual nós destinamos R\$ 1,3 bilhão. É uma obra totalmente garantida com recursos da União, mas realizada e gerida pelo governo do estado de Minas Gerais, pelo governo do governador Anastasia, que nós temos certeza que se empenhará e a realizará muito bem.

Nós também estamos aqui construindo o trecho sul do anel rodoviário, que liga a [BR]-040 à [BR]-262. Nós também estamos, aqui, com outra obra fundamental, eu vi as reivindicações das senhoras, quero falar para as senhoras que eu vou olhar com cuidado o que fazem, ou quais são as questões que envolvem os moradores que estão ali, no entorno da estrada.

Essa duplicação da [BR]-381, entre Belo Horizonte e Governador Valadares, ela é essencial, ela é responsabilidade do DNIT. E eu queria dizer para vocês que a boa notícia é que as licitações dos sete lotes que são os sete lotes principais e fundamentais já foram concluídos. Nós esperamos que ainda nesse semestre a gente tenha máquinas trabalhando. E também quero dizer que nós, nos quatro anos do meu governo, em obras de manutenção – eu não estou falando dessas, estou falando de manutenção – de estradas federais em Minas Gerais, nós vamos investir R\$ 3 bilhões nos próximos quatro anos.

E é necessário que eu conclua dizendo: eu acredito em parceria, acho que a nossa democracia, ela é uma democracia com grande dose de maturidade e de estabilidade. Nós, hoje, temos estabilidade institucional, somos um país que cumpre contratos e, sobretudo, somos um país que amadureceu, um país que não aceita, em que o povo não aceita – e isso é fundamental, é uma conquista – não aceita processos tradicionais, em que os recursos públicos eram vistos como propriedade dos governantes. E é isso que explicava que, muitas vezes, ele falava assim para o prefeito: “Você é de que partido? Ah, não é do meu, não tem dinheiro”. Isso é uma coisa que fez parte da vida política deste país e que explicou o clientelismo e o controle político de segmentos da população. Esse controle político era antidemocrático. Essa evolução para esse federalismo que o governador, de forma excepcional, chamou de cooperativo, esta evolução é uma marca dos últimos anos.

Eu tenho muito orgulho de ter tido um comportamento à frente da Presidência da República e de manter esse comportamento republicano, em que se olha a importância dos estados e dos municípios. Eu tenho grande e dou grande importância aos pequenos municípios desse país, porque não é só nas grandes cidades que o Brasil pulsa, mas é também nas pequenas localidades, nos chamados municípios até 50 mil [habitantes], por isso nós fizemos aquele programa de distribuição de máquinas.

Mas hoje, como eu estou aqui, na grande região metropolitana, eu quero dizer que é um compromisso social e econômico do meu governo a questão da mobilidade urbana. O Brasil não será um país desenvolvido se as suas populações urbanas de trabalhadores, de estudantes, de donas-de-casa, enfim, de moradores, for obrigada passar horas e horas dentro de um transporte urbano, porque o trânsito está ruim, porque as vias estão congestionadas. Fazer a integração dos modais é, sobretudo, garantir duas coisas: eficiência do transporte, tendo como eixo, nas grandes cidades, o metrô, mas completando com todas as outras formas, e, ao mesmo tempo, a modicidade, porque essa integração permite o bilhete único, característico de todas as cidades que avançaram no transporte coletivo.

Eu quero dizer que esse é um compromisso do meu governo, e esse compromisso com a mobilidade urbana significa um compromisso com a qualidade de vida. E aí, não é, Aguiinaldo, não é só a saúde, mas é uma coisa fundamental, que é a vida mesmo: é o lazer, é viver com a família, é não ficar o tempo todo dentro de um ônibus, ou dentro de um trem urbano. Enfim, é integrar esses modais para que a vida melhore, e para que aquilo que tem que estar no centro das nossas preocupações, que são as pessoas, elas sejam atendidas. Daí porque eu sempre digo uma coisa: o esforço deste país, o esforço do povo deste país, dos trabalhadores, dos estudantes, esse esforço nós temos que estar à altura. Nós, governos estadual, municipal e, sobretudo, eu falo por mim, federal.

Muito obrigada.

Ouça a íntegra (29min54s) do discurso (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-anuncio-de-investimentos-do-pac2-mobilidade-urbana-29min54s>), da Presidenta Dilma

# 23-01-2014 - Declaração à imprensa da Presidenta da República, Dilma Rousseff, após visita à sede da Fifa - Zurique/Suíça

**Zurique-Suíça, 23 de janeiro de 2014**

Como presidenta do Brasil, eu estou muito feliz de estar aqui, na casa do futebol. É um momento especial para mim. E eu gostaria de dizer que essa, sem dúvida nenhuma, é a Copa das Copas, primeiro porque eu acredito que o mundo tem grande admiração, acompanha o futebol, o futebol é um esporte disseminado por todos os países do mundo. Mas, sem pretender que o Brasil seja diferente, eu queria reiterar que nós somos o país que ama o futebol, que tem o futebol no coração, nas veias e tem, nesse esporte, uma paixão nacional.

Nós participamos de todas as Copas do Mundo, cinco delas nós tivemos a imensa alegria e o grande orgulho de levar a Taça Jules Rimet. Ao mesmo tempo, o Brasil é um país que teve no futebol, também, um momento importante, pelo qual uma parte do seu povo, sistematicamente alijado de suas riquezas, se afirmou, em que jogadores negros se transformaram em heróis nacionais.

Eu fico muito feliz de dizer a vocês que para nós é extremamente relevante que a Copa tenha como tema a questão do racismo. O Brasil é um país que 51% da sua população se declara como negra, um país que teve 300 anos de escravidão e que o racismo assumiu a forma pela qual a escravidão perdurou, uma vez que ela unia a questão da cor à questão da exclusão social.

Nós temos muito orgulho de ter reduzido a desigualdade no Brasil, mas sabemos que é fundamental movimentos que evidenciem que o racismo e o preconceito são elementos que devem ser banidos das sociedades democráticas. O futebol é um momento de encontro, é um momento em que as pessoas são capazes de se unir em busca de um bem comum.

Lembrando o grande Mandela, que olhou para o esporte e viu no esporte, principalmente no esporte coletivo, uma forma de unidade, de unir um povo, eu quero dizer que o futebol, mais do que tudo, tem esse poder também. O futebol pode, perfeitamente, ser uma ação afirmativa, no sentido de uma luta contra o preconceito e contra o racismo. Por isso nós nos entendemos tão bem com a proposta do nosso presidente Blatter, que eu tenho muito prazer de ter visitado aqui, nesta casa do futebol.

No que se refere à paz, também acredito que essa seja uma das características mais importantes nesse momento em que o mundo vive essa afirmação do futebol como um fator de disseminação de valores da paz, do entendimento entre os homens, do entendimento entre as nações. Por isso também acho importantíssima essa questão sugerida pelo Papa Francisco, e fiquei muito feliz com a proposta do presidente Blatter. Queria dizer a vocês, também por uma questão de informação, que tivemos uma conversa semelhante com o secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, no mesmo sentido, no sentido de transformar a Copa do Mundo num movimento que seja uma afirmação da paz entre os homens.

E, finalmente, queria também dizer que na questão relativa à Copa afirmar a questão de gênero, a participação das mulheres em todas as dimensões da vida, seja na dimensão política, cultural, mas aqui, no caso, é na esportiva. Queria cumprimentar a Fifa por esse empenho, por essa determinação em apoiar o futebol feminino. O Brasil é o país do futebol, nós temos tido uma grande, mas uma grande mesmo, força no futebol feminino. E esse futebol está sendo profissionalizado com grandes atletas, como a Marta.

E queria falar para vocês uma coisa: acho que esses três aspectos da Copa das Copas orgulham muito, eu acho, a mim, mas eu acho que contribui imensamente para transformar a Copa, lá no Brasil, num evento que tenha também uma dimensão que deixa um legado, além do legado para o meu povo, o legado em termos de mobilidade urbana, de metrô, de melhoria das condições de vida da população brasileira, que deixa um legado em termos de valores para o mundo. Nós estamos num momento em que as pessoas precisam de reforçar, reiterar valores.

Então, nesse sentido, eu queria agradecer ao presidente Blatter, por essas sugestões, que vêm justamente se unir às nossas preocupações, conforme a gente tinha reiterado para ele.

Muito obrigado a todos pela atenção, e quero reafirmar que nós estamos preparados, nós vamos fazer a Copa das Copas. Vamos fazer a Copa das Copas no país do futebol. E temos, assim eu acredito – aí eu tenho que puxar, como dizem os brasileiros, “a brasa para a minha sardinha”: eu tenho certeza que o Brasil teve grandes craques, e que continua tendo grandes craques, como o Neymar, por exemplo, e tantos outros. E tem dois treinadores que foram campeões mundiais, farão bonito nessa Copa do Mundo.

Muito obrigada a vocês.

Deixa só eu fazer uma declaração, só um instantinho. O governo brasileiro – eu estou em janeiro – fará todo... tem todo o empenho, e não é só nos estádios, os estádios são obras relativamente simples, fará todo o empenho para ser a Copa das Copas. Isso inclui estádios, aeroportos, portos, e inclui todas as obras necessárias para que a gente seja o país que bem recebe todos aqueles que vão nos visitar.

E eu quero dizer o seguinte: podem vir ao Brasil, vocês serão recebidos de braços abertos pelo povo brasileiro.

Ouçã a íntegra (07min50s) da declaração  
(<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-da-declaracao-a-imprensa-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-apos-visita-a-sede-da-fifa-zurique-suica-07min50s>) da Presidenta Dilma

# 24-01-2014 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante Sessão Plenária do Fórum Econômico Mundial 2014 - Davos/Suíça

**Davos-Suíça, 24 de janeiro de 2014**

Boa tarde.

Senhor Klaus Schwab, presidente fundador do Fórum Econômico Mundial,  
Senhoras e senhores chefes de Estado e de Governo,  
Senhoras e senhores ministros de Estado, integrantes da minha comitiva,  
Senhoras e senhores representantes da área empresarial e da área financeira,  
Senhoras e senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas,

Senhoras e senhores,

São passados mais de cinco anos do início da crise financeira global, a mais profunda e mais complexa desde 1929. Aos governantes, empresários e trabalhadores colocou-se o difícil desafio de evitar o pior e, ao mesmo tempo, reconstituir o caminho da prosperidade, da retomada do crescimento, da produção, dos investimentos e, em especial, dos empregos.

Impôs-se a todas as economias a recuperação da confiança nos negócios, confiança que é indispensável para um bom desempenho econômico. A saída definitiva da crise requer um enfoque que privilegie não apenas o curto prazo. Ele é muito importante, mas é natural que, em um ambiente de crise e contaminado pelos seus efeitos adversos, muitas avaliações acabem privilegiando apenas essa dimensão temporal.

É imprescindível, entretanto, resgatar o horizonte de médio e longo prazos em nossas avaliações para dar suporte aos diagnósticos e às ações necessárias ao crescimento das diferentes economias. Nessa perspectiva, ainda que as economias desenvolvidas mostrem claros indícios de recuperação, as economias emergentes continuarão a desempenhar um papel estratégico. Estamos falando dos países com as maiores oportunidades de investimento e de ampliação do consumo.

Somos países que demandam infraestrutura logística diversificada, infraestrutura social, urbana, energia, petróleo, gás, minérios, investimentos industriais e agrícolas. Somos sociedades em processo de forte mobilidade social, nas quais se constituem novos e dinâmicos mercados. Mercados internos integrados por centenas de milhões, em alguns casos, por bilhões de consumidores.

Assim, é apressada a tese segundo a qual, depois da crise, as economias emergentes serão menos dinâmicas. Serão muito dinâmicas porque lá estão grandes oportunidades. Até porque os fluxos atuais de investimento e comércio e as elevadas taxas de emprego e o horizonte de oportunidades dessas economias apontam em outra direção, na direção – eu

repito – das oportunidades. Como as economias desenvolvidas, aliás, foram as mais afetadas pela crise, ao dela saírem criarão um ambiente econômico global mais favorável para todo o mundo.

O Brasil, por sua vez, vem experimentando uma profunda transformação social nos últimos anos. Estamos nos tornando, por meio de um processo acelerado de ascensão social, uma nação predominantemente de classe média. Alguns números ilustram essa realidade: os 36 milhões de homens e mulheres que foram tirados da extrema pobreza recentemente; os 42 milhões que ascenderam à classe média, que passou de 37% da população para 55% da população, apenas entre os anos a partir de 2003 até hoje. A renda *per capita* mediana das famílias brasileiras cresceu 78% no mesmo período. Nos últimos três anos, nós geramos 4,5 milhões de novos empregos.

Criamos um grande mercado interno de consumo de massas. Somos hoje um dos maiores mercados para automóveis, computadores, celulares, refrigeradores, fármacos e cosméticos. Mas apenas 47% dos domicílios têm computador; 55% apenas possuem máquinas de lavar roupa automática; 17%, freezer; 8% TV plana, evidenciando o tamanho da demanda ainda a ser atendida e as oportunidades de negócios a ela associadas.

Criamos um imenso contingente de cidadãos com melhores condições de vida, maior acesso à informação e mais consciência de seus direitos. Um cidadão com novas esperanças, novos desejos e novas demandas. Esses cidadãos, uma parte deles, estiveram nas manifestações de junho do ano passado, e essas manifestações são partes indissociáveis do nosso processo de construção da democracia e do processo de mudança social.

O meu governo não reprimiu, pelo contrário, ouviu e compreendeu a voz das ruas. Os manifestantes não pediram a vida do passado, não pediram uma volta atrás. Pediram, sim, o avanço para um futuro de mais direitos, mais participação e mais conquistas sociais. Nós sabemos que democracia gera desejo de mais democracia. Inclusão social provoca expectativa de mais inclusão social. Qualidade de vida desperta anseio por mais qualidade de vida, por mais e melhores serviços.

Para nós, todos os avanços que conquistamos, e os já conquistados, são sempre, sempre só um começo. É necessário transformar essa extraordinária energia que o povo brasileiro manifesta nas ruas em realizações para todos.

Este novo Brasil, mesmo desigual, e mesmo ainda menos desigual, está sendo construído sem abdicar dos nossos compromissos com a solidez dos fundamentos macroeconômicos. O controle da inflação e o equilíbrio das contas públicas são requisitos essenciais para assegurar a estabilidade, base sólida para a expansão econômica e para o progresso social.

A inflação no Brasil permanece sob controle e, desde 1999, o Brasil segue o regime de metas. Nos últimos anos, perseguimos o centro da meta e, a cada ano, trabalhamos para lograr esse objetivo. Os resultados obtidos até aqui estão dentro do intervalo admitido por esse regime monetário. Reitero a vocês que buscamos, com determinação, a convergência para o centro da meta inflacionária.

A experiência que tivemos das elevadíssimas taxas de inflação dos anos de 80 e 90 nos ensinou o poder destrutivo do descontrole de preços sobre as rendas, os salários, os lucros das empresas e, obviamente, sobre o cálculo econômico. A estabilidade da moeda é, hoje, um valor central do nosso país, da nossa nação.

Quero enfatizar que nós não transigimos com a inflação. A responsabilidade fiscal, por sua vez, é um princípio basilar da nossa visão de desenvolvimento econômico e social. No Brasil, as despesas correntes do governo federal estão sob controle e houve uma melhora qualitativa das contas públicas nos últimos anos. Conseguimos acentuada redução da dívida líquida do setor público, que caiu de 42,1%, em 2009, no início da crise, para 34% do PIB, em 2013. Mesmo a dívida bruta declinou neste mesmo período, passando de 60,9% para 58,5% do PIB.

Em breve, meu governo definirá a meta de superávit primário para o ano, consistente com essa tendência de redução do endividamento público. Creio que temos um dos menores endividamentos públicos do mundo.

Olhando o futuro, duas outras iniciativas são estratégicas: a primeira é aprimorar o controle das contas dos entes federados, estaduais e municipais; fortalecer o preceito da responsabilidade fiscal, para tornar mais efetiva e transparente a geração de superávit primário de todos os entes federados, da União, dos estados e municípios.

A segunda alternativa é o reposicionamento dos bancos públicos na expansão do crédito ao investimento, possível, agora, graças ao aumento da participação do financiamento privado, do mercado de capitais e de outros novos instrumentos financeiros. Nós, no Brasil, possuímos um sistema financeiro sólido, com elevados níveis de capital, liquidez e de provisões, o que contribui para a expansão sustentável do crédito ao longo dos últimos anos. Esse sistema é também eficiente, com a participação harmônica de bancos privados e de instituições públicas, bancos privados nacionais e estrangeiros. Essas instituições desempenharam um papel importante nos últimos anos, em especial o sistema financeiro público nos períodos de turbulência dos mercados financeiros internacionais. Com a normalização dos mercados globais, a orientação estratégica do governo é para que essas instituições públicas retornem às suas vocações naturais.

A crise financeira global ganha novos contornos, neste momento, com a retirada dos estímulos monetários pelos países desenvolvidos. Mesmo reconhecendo que este movimento expressa uma tendência de recuperação da economia e do comércio mundiais, persistem desafios que geram volatilidade nos mercados financeiros.

Nossas reservas internacionais, hoje na casa dos US\$ 376 bilhões, proporcionam um colchão seguro de absorção dessa volatilidade. Além disso, o programa de *swap* construído pelo Banco Central tem sido capaz de dar previsibilidade e estabilidade ao nosso mercado de câmbio.

O Brasil tem na flutuação cambial sua primeira linha de defesa. Ao lado disso, o amplo fluxo de investimento estrangeiro direto – Em 2003 [2013] de US\$ 64 bilhões – que se mantém direcionado para o Brasil, reforça nossa resiliência ao quadro de transição das condições financeiras e monetárias.

Desde o início do governo, estamos conscientes da necessidade de avançarmos para uma nova etapa. Reiteramos nosso compromisso com a qualidade institucional, em especial com o respeito aos contratos existentes, juntamente com um ambiente econômico estável e atrativo aos investidores. O nosso objetivo é melhorar estruturalmente a economia brasileira, tornando-a cada vez mais competitiva. É imprescindível, para tanto, a gestão cada vez melhor dos recursos públicos, reformando o Estado e reduzindo a burocracia. Nesse sentido, medidas para a diminuição das exigências burocráticas são essenciais para o aumento da produtividade no Brasil. Cito um exemplo, que é o Portal Empresa Simples, a ser implantado este ano, com a meta de baixar o prazo de abertura de empresas para, no máximo, cinco dias.

Sobretudo, é necessário – e estamos determinados a promover – forte aumento de investimento em infraestrutura, em educação e inovação. Com isso, aumentaremos a taxa de investimento em relação ao Produto Interno Bruto, fundamental para sustentar o crescimento de longo prazo.

Esse é o sentido do nosso programa de infraestrutura. E este sentido é enfrentarmos os gargalos gerados por décadas de subinvestimento, agravados pelo forte aumento, o forte crescimento da demanda nos últimos anos.

Temos, em parceria com o setor privado, um programa de concessões em infraestrutura logística integrada, infraestrutura energética, social, infraestrutura urbana, que envolve centenas de bilhões de dólares. O objetivo é somar recursos, mas é também aumentar a eficiência e aperfeiçoar a gestão dos serviços associados a essas obras. Os consórcios privados, que vêm participando desse processo de concessões e licitações, são integrados por grandes empresas nacionais e internacionais.

Realizamos cinco leilões de rodovias, transferindo, já, mais de quatro mil quilômetros para a gestão privada. Fizemos concessões de seis grandes aeroportos para consórcios liderados por grandes operadoras internacionais, e obtivemos outorgas de US\$ 20 bilhões, desses aeroportos, e obteremos, ao longo dos contratos.

Adotamos um novo marco regulatório para o sistema portuário, permitindo a ampliação da participação privada na oferta dos serviços portuários, com critérios de eficiência e aumento do volume de carga. Foram autorizados, já, oito portos privados, com investimentos de mais de US\$ 1,5 bilhão. Em 2014, autorizaremos novos terminais privados e iniciaremos os arrendamentos em portos públicos.

O novo modelo de concessão de ferrovias está em andamento. O Brasil é um país continental e necessita de um sistema ferroviário, principalmente quando se trata de minérios e grãos, e também quando se trata de contêineres. Em 2014, faremos o primeiro leilão de um trecho no centro-oeste brasileiro. Os demais trechos serão implementados também a partir deste ano, com a redefinição de alguns projetos, devido ao diálogo estabelecido com os investidores.

Um dos maiores desafios do país é construir essa malha ferroviária, uma malha moderna, uma malha compatível, como eu disse, com o tamanho continental do país.

Fizemos três licitações de petróleo e gás neste ano que passou. O grande marco, nessa área, foi o leilão do mega campo de Libra, vencido por um consórcio entre a Petrobras e quatro grandes empresas petrolíferas que aliam competência técnica a recursos financeiros. O campo de Libra tem reservas estimadas entre oito a doze bilhões de barris de petróleo. Sua exploração deve mobilizar investimentos diretos de cerca US\$ 80 bilhões nos próximos 35 anos. Seu efeito multiplicador incidirá sobre toda a cadeia produtiva de petróleo e gás. Com a exploração dos demais campos de potencial similar ao de Libra, o Brasil se tornará um significativo exportador de petróleo.

Na área de energia elétrica realizamos, também, muitos leilões, em torno de sete leilões, acrescentando, na área de geração, mais de nove mil MW à capacidade instalada. Priorizamos, sempre, fontes de energia alternativa, renováveis, aliás, na nossa matriz, uma das mais limpas do mundo. Na transmissão, foram em torno de dez leilões, agregando mais de 20 mil quilômetros à rede do país. Um dos nossos objetivos é a segurança energética. Os empresários sabem a importância de planejar, com antecedência, a expansão do sistema e que a certeza da oferta regular é fundamental para a decisão de investir.

A questão urbana está no centro das nossas preocupações. As cidades brasileiras demandam investimentos em transporte público, saneamento e habitação, mesmo porque nós estamos no período da Copa do Mundo e das Olimpíadas, e a infraestrutura urbana é, para isso, muito importante. Estamos investindo US\$ 62 bilhões em metrô, VLTs (Veículos Leves sobre Trilhos) e mon trilhos, por meio de parcerias público-privadas. São 600 quilômetros de sistemas de trilho para enfrentar o maior problema da vida urbana do meu país: transporte de massa, seguro e rápido.

Outro desafio importantíssimo para nós é o saneamento, tanto para a qualidade de vida quanto, também, do ponto de vista dos recursos que ele implica, principalmente para a construção dos sistemas tanto de esgoto quanto de água. Estamos investindo US\$ 36 bilhões para ampliar os serviços de saneamento básico.

Possuímos, como os senhores sabem, a maior reserva de água doce do mundo, mas nós temos, também, regiões extremamente secas, como é o caso de regiões do Nordeste brasileiro. Para expandir a oferta de água, nós estamos investindo US\$ 14 bilhões em barragens, adutoras, canais, sistemas de abastecimento e cisternas. São milhões de uns e milhares de outros.

Encerrando esse ponto, eu gostaria de falar aos senhores sobre um programa que eu tenho muito orgulho de ter sido feito no Brasil, que é o Minha Casa, Minha Vida, nosso programa de construção habitacional. Desde 2011, nós contratamos a construção de 2,24 milhões moradias; 1,5 milhão nós já entregamos. Com esse programa nós garantimos o acesso à moradia para as parcelas mais pobres da população, combinando recursos públicos e

financiamento, no total de US\$ 87 bilhões, e estabelecemos o que é importantíssimo: uma equação financeira que, considerando a renda da população, viabiliza o programa sem criar riscos para o sistema imobiliário.

Outro desafio de infraestrutura é a extensão – e este é, a partir deste ano – é a extensão para todo o território brasileiro, de uma rede de banda larga de alta capacidade. Essa rede servirá de alicerce, também, para a política educacional que desenvolvemos e que prioriza a inclusão e a qualidade.

A educação, cada vez mais, cumprirá no Brasil uma dupla função. Por um lado, moldar uma nação democrática, garantindo a perenidade da erradicação da miséria e da pobreza, garantindo que o Brasil não volte atrás em relação à desigualdade. Por outro, alicerçar o crescimento, na tecnologia e na inovação, forjando a economia do conhecimento. Esses dois papéis são estratégicos para o país.

Nosso objetivo é criar uma geração de jovens técnicos, pesquisadores e cientistas. Estamos promovendo a maior expansão da rede federal de educação superior e tecnológica de nossa história, da rede pública e, por isso, democratizamos o acesso a essas universidades públicas. Mas também ampliamos o programa de bolsas e o financiamento para os estudantes terem acesso à universidade privada. Beneficiamos, com isso, 2,4 milhões de jovens de famílias de baixa renda que não teriam como entrar em universidades privadas. Implantamos o concurso nacional de acesso ao ensino superior, adotando um modelo justo, eficiente e meritocrático.

Nosso programa Ciência sem Fronteiras está oferecendo aos jovens a oportunidade de estudar nas melhores universidades do mundo. O único critério é uma boa nota nesse concurso nacional que, aliás, é condição para entrar em todos os nossos programas. São, no Ciência sem Fronteiras, 101 mil bolsas em universidades, hoje, de 39 países, nas áreas de engenharia, nas ciências exatas e nas áreas tecnológicas. Em parceria com o setor privado, envolvendo todas as confederações empresariais, nós implantamos um amplo programa de ensino técnico. Em pouco mais de dois anos, para se ter uma ideia, nos ultrapassamos a marca de cinco milhões de matrículas.

Finalmente, eu queria dizer para os senhores que a decisão histórica de destinar 75% dos royalties do petróleo, no pré e no pós-sal, e 50% do fundo social do pré-sal, que é o excedente em óleo, para a educação, vai nos permitir fazer ainda mais. Nós vamos transformar a riqueza finita do petróleo em um patrimônio perene para a nossa população, a educação. Essa alquimia, que é transformar petróleo em conhecimento, beneficiará nossa estrutura produtiva. Trabalhadores bem formados, gerando maior produtividade na economia, conseguem aplicar conhecimento e inovação. E, repito, gera maior produtividade.

Além disso, nosso programa Inova-Empresa mobiliza US\$ 14 bilhões de recursos públicos em pesquisa e desenvolvimento. Nossa agricultura é um exemplo de sucesso de uma parceria entre o setor privado e o setor público na questão da inovação e da absorção de conhecimento científico e tecnológico.

Foi graças à tecnologia desenvolvida pela Embrapa e pelo agronegócio do Brasil que nós pudemos aumentar a nossa produção de grãos em 221% nas últimas duas décadas, com incremento de apenas 41% na área plantada. Portanto, um crescimento de 180% na produtividade da agricultura e que permitiu safras de grãos recordes. Nesta safra atual, nós vamos colher mais de 195 milhões de toneladas de grãos, ao mesmo tempo diminuindo o desmatamento e disseminando práticas sustentáveis de cultivo.

Na Conferência de Copenhague, nós assumimos a redução voluntária, em 36%, no mínimo, da emissão de gás de efeito estufa. Nós quebramos um tabu. Mostramos que é possível produzir de forma sustentável e, ao mesmo tempo, eficiente.

Quero fazer uma observação final. É hora de superarmos posturas defensivas e reconhecer o papel do comércio mundial na recuperação das economias. O histórico acordo global alcançado na Organização Mundial do Comércio (OMC) renova as esperanças de uma conclusão equilibrada na Rodada de Doha. O Brasil está pronto, está empenhado, também, nas negociações do Mercosul com a União Européia para um acordo comercial.

Volto a dizer: um novo ciclo de crescimento econômico mundial está em fase de gestação. À medida que a crise vai se dissipando, um olhar mais atento sobre os países emergentes ganhará fôlego. Com uma estratégia de longo prazo focada na promoção dos investimentos, na educação e no aumento da produtividade, esperamos sair ainda melhor dessa crise internacional.

O Brasil é, hoje, uma das mais amplas fronteiras de oportunidades de negócios. Nosso sucesso nos próximos anos estará associado à parceria com os investidores do Brasil e de todo o mundo. Sempre recebemos bem um investimento externo. Meu governo adotou medidas para facilitar ainda mais essa relação. Aspectos da conjuntura recente não devem obscurecer essa realidade.

Como eu disse até aqui, o Brasil mais que precisa e mais que quer a parceria com o investimento privado nacional e externo. O Brasil convida todos a ela. E, antes de terminar, quero aproveitar e convidar todos vocês para a Copa do Mundo, a Copa das Copas, que nós realizaremos agora em junho no Brasil. E também aproveito e convido para as Olimpíadas em 2016. O Brasil é o país do futebol. Nós amamos futebol e temos certeza que junto com outros países do mundo – eu não ousarei dizer com todos, mas eu quero dizer com a ampla maioria dos países do mundo – nós temos no futebol uma das formas mais importantes de afirmação da paz, mais importantes de afirmação, também, da luta contra os preconceitos, sejam eles quais forem.

Quero dizer aos senhores que nós estamos preparados para essa Copa. Os investimentos que eu relatei aqui são também investimentos para essa Copa, para esse evento, mas são, sobretudo, investimentos, originados da necessidade do país. E quero dizer que estamos de braços abertos pra receber todos os visitantes, de norte a sul e de leste a oeste do meu país.

Muito obrigada.

☐  
Ouça a íntegra (32min57s) do discurso  
(<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-sessao-plenaria-do-forum-economico-mundial-2014-32min57s>) da Presidenta Dilma

# 24-01-2014 - Address by President Dilma Rousseff at the World Economic Forum 2014 - Davos/Switzerland

Davos-Switzerland, 24 January 2014

Good afternoon

Mr. Klaus Schwab, Founder and Executive Chairman of the World Economic Forum,

Heads of state and heads of government,

Cabinet ministers, members of my delegation,

Ladies and gentlemen representing the business and financial communities,

Ladies and gentlemen journalists, photographers and cameramen,

Ladies and gentlemen at large,

More than five years have gone by since the onset of the global financial crisis, the deepest and most complex crisis since 1929. Government leaders, members of the business community and workers found themselves in the difficult challenge of avoiding the worst, while engaging in an effort to rebuild the path towards prosperity towards resumption of production activity, investments and particularly job opportunities.

All economies had to face up to the task of restoring business confidence. The kind of confidence that is really key and essential for good economic performance. In order to definitively exit the crisis, one is required to adopt an approach that will set priorities not only in the short term. The short term is very important, but it is just natural that in a crisis environment that is contaminated by adverse effects, many evaluations or reviews ultimately focus solely on the short-term time horizon.

It is however, absolutely essential to bear in mind a medium and long-term time horizon in our reviews, in order to support diagnoses and actions that are required to ensure growth of different economies. From that perspective, even if it is true that developed economies show clear-cut signs of recovery, the fact remains that emerging economies will still continue to play a strategic role. We are, after all, talking about those countries that have the biggest investment opportunities and prospects for expanding consumption.

We, the emerging countries, are countries that require, demand a diversified logistics infrastructure, social and urban infrastructure, as well as energy, oil, gas infrastructure, and ores, as well as industrial and agricultural investments. We, our societies, are currently undergoing a social mobility process. Societies where new and dynamic domestic markets are being established. Markets, domestic markets that are made up of hundreds of millions, sometimes even billions of consumers.

Therefore, the view or notion that, following the crisis emerging economies will allegedly be less dynamic, is an over hasty theory. They will be more dynamic precisely because that's where huge opportunities lie, especially considering that the current investments and trade flows and high employment rates, as well as the current outlook for business opportunities available in these economies, point precisely to a different direction. And they point towards the direction of opportunity that is currently available. The fact is that since the developed

economies have been the hardest hit by the crisis and out of the crisis, they will certainly create a more favorable global environment for everyone. A more favorable global economic environment.

Brazil in turn has been going through a deep social transformation in the past few years. By means of a speedy social mobility process, Brazil is becoming a mostly middle class nation. Let me just share a few figures with you that reflect or illustrate that fact: Thirty-six million men and women who have been taken out of extreme poverty in the recent past. Plus the 42 million Brazilians who have been uplifted and mainstreamed into the middle class, which grew from 37 percent of the population up to 55 percent of the Brazilian population between 2003 and 2012 alone to date. The average mean per capita income of Brazilian families grew 78 percent in the same period. In the past three years, we have created 4.5 million new job posts.

We have created a large domestic mass consumer market. We're currently one of the world's largest markets for automobiles, computers, mobile phones, refrigerators, pharmaceuticals and cosmetics. However, only 45 percent of Brazilian households currently have a computer, 55 percent of Brazilian households have an automatic washing machine, 17 percent have a freezer and 8 percent have a flat screen TV set, which clearly shows the signs of the demand yet to be met in Brazil, and the related business opportunities.

We have developed a huge contingent of citizens who now enjoy better standards of living, more access to information, as well as a greater awareness of their rights. Citizens who now have new hopes, new wishes and new demands. Some of these Brazilian citizens were participants in the recent June demonstrations of last year, out in the streets. And last year's June demonstrations are an inseparable part of our process of building democracy and fostering social change.

My administration did not crack down on those demonstrators. Much to the contrary, we heard and we understood the voices from the streets. The demonstrators did not ask for a return to the past, or the life of the past, rather they asked for progress towards a future with more rights, more participation and more social gains. We know all too well that democracy breeds a desire for more democracy. Social inclusion leads to an expectation for more social inclusion. Quality of life arouses a yearning for more quality of life. A yearning for more and for better services.

It is our view that all of the achievements attained thus far will always be just a beginning. We must change this outstanding energy out there, demonstrated by the Brazilian people out in the streets, into accomplishments that will benefit everyone.

This new emerging Brazil, even if somewhat unequal, although certainly less unequal, is being built without giving up any of our commitments towards sound economic or macro-economic foundations. Inflation control and balanced government accounts are key sine qua non requirements, in order to ensure much needed stability as the solid foundation for economic expansion and social progress.

Inflation in Brazil remains under control, and since 1999, Brazil has pursued an inflation targeting regime. In the past few years we have pursued the very center of the target, and year after year we have worked to attain this objective. The results achieved thus far are very much within the range acceptable under this monetary regime. May I underscore that we have purposefully sought convergence towards the center of the inflation target.

The experience we had with extremely high inflation rates back in the 1980s and 90s, taught us a lesson on the destructive power of lack of price control over income, wages, business profits and obviously on the overall economic variables. Currency stability is currently a central value for us Brazilians as a nation.

May I emphasize that we do not compromise on inflation. Fiscal responsibility, in turn, is a founding principle of our economic and social development vision. In Brazil, federal government current accounts are under control, and there has been a qualitative improvement in government accounts in the past few years. We have successfully attained a

sharp reduction in the net public sector debt, which fell from 42.1 percent in 2009, at the very beginning of the crisis, down to 34 percent of GDP in 2013. Even the gross debt has dropped over the same period, going from 60.9 percent down to 58.5 percent of the GDP.

My administration will soon set the primary surplus target for this year. And we will do so very much in line with the current trend to reduce public indebtedness. It is my belief that Brazil posts one of the lowest government indebtedness levels in the world.

Now, as we look towards the future, two other initiatives emerge as strategic. The first such initiative is about enhancing the control over subnational government accounts, and strengthening the principle of fiscal stability in order to ensure greater effectiveness and transparency to the subnational government's task of developing and fostering a primary surplus. And that of course includes the federal administration, plus the state and municipal governments.

The second key initiative is about repositioning state-owned banks, so as to expand credit availability for investment, which is currently possible given the increased involvement of private financing, capital markets and new financial tools. In Brazil we have a sound financial system with high levels of capital, liquidity and provisioning, which has helped ensure a sustainable expansion of credit availability in the course of the past few years. The system that is currently in place is also an efficient one and it includes a harmonious role for private institutions, private banks, both national and foreign private banks. These institutions have performed an important role in Brazil over the past few years, especially the public financial system during the periods of turbulence in the national financial markets. With the resumption of normal conditions in global markets, the government's strategic guidance is that these public institutions should go back to their natural roles and agendas, as part of their original mandate.

The global financial crisis has now taken on new contours as we see the tapering or withdrawal of monetary incentives by developed countries. Now, while recognizing that this move reflects a trend towards recovery of the world's economy and trade, there remain lingering challenges that breed volatility in the financial markets.

Our international reserves currently stand at about US\$ 376 billion and as such provide a safe cushion to absorb that volatility. Furthermore, the swap program designed by the Brazilian Central Bank has succeeded in providing an element of credibility and stability to our foreign exchange market.

Brazil's first line of defense is our floating foreign exchange policy, in parallel with the broad flow of foreign direct investment, which in 2013 came to US\$ 64 billion. FDI flows that remain clearly directed to Brazil further strengthen our resilience to the changing financial and monetary conditions.

From Day 1 in my administration, we have been keenly aware of the need to evolve towards a new stage. We have reiterated our commitment towards institutional quality, especially with respect to existing contracts, and our commitment to a stable economic environment that will prove attractive to investors.

It is our objective to structurally improve the Brazilian economy, thus making it increasingly competitive. To that end, it is critical that we engage in an increasingly better management of government funds by reforming the state apparatus and by cutting down on red tape and bureaucracy. Accordingly, measures to reduce bureaucratic requirements are key in order to boost Brazilian productivity. Let me just refer to one example, this so-called streamlined or simple business web portal to be put in place this year with the purpose of shortening the time required to open a business in Brazil to no more than five days.

Above all, we must and we are clearly determined to foster a strong increase in investments in infrastructure, education and innovation. By so doing, we will increase the investment rate vis-à-vis the Brazilian GDP, which is absolutely key to uphold and sustain long-term growth.

That is ultimately the purpose of our infrastructure expansion program, which is about overcoming the bottlenecks that have resulted from decades of under-investment and made worse by the strong increase in demand in the past few years.

Working in partnership with the private sector, we have in place a concessions program focusing on integrated logistics infrastructure, energy infrastructure, plus social and urban infrastructure. All of which involve hundreds of billions of dollars. The ultimate objective of the program is of course to add funds, while boosting efficiency and enhancing the management of the services associated with those public works. The private sector consortia that have taken part in the on-going concession and bidding processes are made up by major Brazilian and foreign corporations.

We have thus far carried out five highway auctions, thereby transferring more than 4,000 kilometers into private sector hands for management purposes. We have also established concession agreements for six airports granted to consortia led by large international operators. And all together in the course of the lifecycle of these agreements, a sum of US\$ 20 billion will be attained, ultimately speaking.

We have also adopted a new regulatory framework for the port system, therefore enabling the expansion of private sector involvement in the provision of services based on efficiency criteria and increased cargo, throughput and volume. Thus far, eight privately-run ports have been authorized, which involves investments of more than US\$ 1.5 billion. In 2014, we will further authorize new privately run port terminals and we will start the leasing arrangements for public ports.

A new model for highway concessions is currently underway. Brazil is a country that is as vast as a continent and therefore, we need a proper railway system, especially for grain and ore outflow, as well as for container transport. In 2014, we will carry out the very first auction for a stretch in the Brazilian Midwest. The remaining stretches or sections will be further implemented as of this year and we will establish the contents of certain projects in a spirit of dialogue with investors. One of the major challenges facing Brazil is building a modern railway network that is in line with Brazil's continental size.

Three oil and gas bidding rounds have been conducted in the past year. The milestone event in this area was the auction of the huge Libra oil field, which was won by a consortium of companies made up of the Brazilian oil company Petrobras and four large oil companies that bring together both technical capabilities and financial resources. The Libra oil field is estimated to have reserves between 8 and 12 billion barrels of oil. Its commercial development is expected to mobilize direct investments of about US\$ 80 billion in the next 35 years. Its multiplier effect will certainly have a positive impact on the entire oil and gas production chain. By commercially developing the other oil fields that have a similar potential as the Libra oilfield, Brazil will certainly become a substantial exporter of oil.

In electric energy we have thus far carried out about seven auctions, which have added more than 9,000 Megawatts to the installed capacity. In the generation segment, we have always attached priority to renewable sources of energy. Brazil's energy matrix, by the way, is one of the world's cleanest. In the transmission segment, about 10 auctions have been carried out, thus adding more than 20,000 kilometers to the country's transmission grid. One of our main objectives is energy security. The business men and women in the audience are all too aware of the importance of planning in advance for a system expansion. And they also know that the certainty of a regular supply is absolutely key to inform one's investment decision.

The urban agenda is very much at the center of our concerns. Brazilian cities require investments in public transport, sanitation and housing, especially considering that this year marks the World Cup and with the Olympics in 2016, of course urban infrastructure is absolutely key, as we move on towards these international events. We have invested US\$ 62 billion in metros or subways, light vehicles, trains and monorails by means of public-private partnerships. We're talking about 600 kilometers of rail systems and solutions to overcome my country's biggest urban problem, in other words, safe and rapid mass transport.

Yet another extremely important challenge for us is sanitation. And that is important not only to ensure higher standards of living, but also an important challenge with regards to the funds required, especially for building sewage and water treatment systems. We are currently investing US\$ 36 billion to expand the basic sanitation services.

As you know, Brazil is home to the world's largest fresh water reserve, but we also have extremely dry regions in Brazil, as is the case of sections of North-eastern Brazil. Now, in order to expand the water supply we are currently investing US\$ 14 billion in dams, water mains, canals, as well as water supply systems and cisterns, and wells. Hundreds and thousands of these solutions are being put in place.

As I wrap up my comments on these points may I say a few words about a program of which I am very proud, as implemented in Brazil. I'm talking about the My House My Life program, our low-income housing program. Since 2011 we have contracted for the building of 2.24 million housing units, of which 1.5 million have already been delivered. Through this program we have ensured access to housing to the poorest segments of the population by combining public funds and financing totaling US\$ 87 billion. As such, we have established something that is extremely important. I'm talking about a financial equation, which considering the population's income has enabled the program without creating any risk to the real estate industry.

Yet another infrastructure challenge, from this year, is the task of extending our high performance, high capacity broadband network throughout the Brazilian territory. Such a network will also serve as the foundation for the educational policy we have put in place, which attaches priority to inclusion and quality.

Education will increasingly perform a two-fold function in Brazil. On the one hand, it will shape a democratic nation, thus ensuring perennial eradication of poverty in Brazil. It ensures that Brazil will not experience any setback in terms of social economic equality. Furthermore, on the other hand, it will anchor our growth in technology and innovation, thus shaping the knowledge economy. So, we're talking about a two-fold role of education, which is absolutely key in Brazil.

It is our objective to develop a generation of young experts, researchers and scientists. We are currently engaged in fostering the largest expansion of the federal higher and technological education network in our history. For that reason we have democratized access to government-run universities. We have also broadened our school grants or scholarships programs, as well as funds made available for students to have access to private sector universities, thus benefitting no less than 2.4 million young people from low income families, who would otherwise have no way to make it to private universities. We have also put in place a nationwide examination for admission to higher education, by putting in place a fair, efficient and merit-based model.

Our Science without Borders program is currently providing young people in Brazil with the opportunity to study in the world's best universities. The only selection criteria is to have a good score in Brazil's nationwide competitive examination, which is by the way a mandatory condition for students to qualify and be eligible to any of our programs. As part of the Science without Borders program, we're talking about 101,000 scholarships for universities from 39 different countries in the fields of engineering, science and technology.

In a partnership with the private sector and working with all business federations, we have deployed a broad range of technical education programs. And, just to give you an idea, in a little less than two years we have gone beyond the threshold of 5 million enrollments in these technical education programs.

In conclusion, I would like to say to you that Brazil's historic decision to allocate no less than 75 percent of the oil revenues, royalties in both the pre- and post-salt layer oil deposits, plus 50 percent of the social fund of the pre-salt layer revenues for the education sector, will allow us to do even more. We will change the oil industry's finite wealth into a perennial asset available to our population, in other words, education. The alchemy of changing oil into knowledge, or education, will certainly benefit our production infrastructure. Properly trained

and developed workers will be able to create more productivity in the economy and therefore, will be in a position to apply knowledge and innovation in their practice. And that of course will certainly lead to more productivity.

Furthermore, our Inova-Empresa, or business innovation program, has mobilized US\$ 14 billion in the form of government funds allocated for research and development. Brazilian agriculture is a success story reflecting a positive partnership between the private sector and the public sectors in terms of engaging in innovation and absorbing scientific and technological knowledge.

It was precisely thanks to the technology developed by EMBRAPA, Brazil's agricultural research organization and the technology developed by Brazilian agribusiness, that we were able to boost our grain production by 221 percent in the past two decades. And we did so by expanding the planted acreage area by only 41 percent, so we're talking about a growth level of no less than 180 percent in agricultural yield or productivity, which has allowed Brazil to enjoy record-level grain harvests. In the 2014 harvest we are expecting to harvest more than 195 million tons of grains, while reducing deforestation and disseminating sustainable crop practices.

During the Copenhagen Climate Conference, we voluntarily undertook commitments to reduce greenhouse gas emissions by 36 percent at a minimum. We then broke a taboo and we showed clearly that, yes, it is possible to produce in a sustainable fashion and also produce in an equally efficient fashion.

May I, in conclusion, voice the following remark: the time has arrived for us to overcome defensive stances and recognize the role of world trade in economic recovery. The historic global agreement reached at the World Trade Organization renews hope for a balanced completion of the Doha Round. Brazil is ready and Brazil is also committed to bi-regional MERCOSUR, European Union negotiations with a view to a trade agreement.

May I again stress that a new world economic growth cycle is currently under gestation. As the crisis recedes, we will certainly see emerging countries attracting greater attention. With a long-term strategy focused on fostering investments in education and in increased productivity, we hope to come out of the current international crisis even better off.

Brazil is currently one of the broadest frontiers of business opportunities in the world. Our success in the next few years will be associated with partnership arrangements established with investors from Brazil and from throughout the world. We have always welcomed foreign investments. My administration has put in place measures to further facilitate those relations. Aspects of the recent state of affairs should not overshadow that fact.

As I said before, Brazil needs and certainly wants to engage in a partnership with both Brazilian and foreign private investors. Brazil would like to hereby invite you all to join us in the effort.

And in conclusion, may I take the opportunity to invite you all to join us in the upcoming FIFA World Cup, the Cup of all Cups, to be hosted in Brazil next June. May I also take the opportunity to invite you to join us in the upcoming 2016 Olympics in Rio. Brazil is the country of football, yes, we all love football. And I'm certain that together with other countries in the world – I would not be bold enough to say with all other countries in the world, but may I say that with the vast majority of other countries in the world – we all enjoy football and have it as one of the most important forms of asserting values such as peace, and also, it is a form of tackling prejudice, all forms of prejudice.

May I also say that we are poised and ready for the upcoming World Cup. The investments I refer to are also investments directed for the upcoming World Cup. But, above all, they are investments that have stemmed from Brazil's domestic needs. May I also say that we have our arms open, wide open, to welcome visitors from all over the world.

Thank you very much once again.



# **27-01-2014 - Discurso de la Presidenta de la República, Dilma Rousseff, durante la ceremonia de inauguración del Puerto de Mariel - Provincia de Artemisa/Cuba**

**Provincia de Artemisa-Cuba, 27 de enero de 2014**

Excelentísimo Señor Raúl Castro, Presidente de la República de Cuba,  
Señoras y Señores Jefes de Estado y de Gobierno,  
Señoras y Señores Ministros y miembros de las delegaciones aquí presentes,  
Señor Luis Alberto Rodríguez López-Calleja, presidente del Grupo de Administración de Empresas de las Fuerzas Armadas Revolucionarias,  
Señor Marcelo Odebrecht, Director Presidente de Odebrecht,  
Señoras y señores empresarios, inversores y colaboradores del Puerto de Mariel,  
Señores periodistas, fotógrafos y camarógrafos:

Es con gran alegría que vengo a Cuba por segunda vez como Presidenta de la República. Profundos lazos unen a nuestros países y un sentimiento de amistad aproxima a nuestras sociedades. Brasil cree y apuesta por el potencial humano y económico de Cuba.

Pese a estar sometido a un injusto embargo económico, el volumen de comercio que Cuba genera está entre los tres mayores del Caribe, un resultado que aumentará substancialmente con la entrada en funcionamiento del Puerto y de la Zona Especial de Desarrollo de Mariel.

Brasil se enorgullece de asociarse a Cuba en este primer Puerto/Terminal de contenedores del Caribe, con capacidad para integrarse en la cadena logística interoceánica. Podrá recibir embarcaciones súper post-panamax de hasta 18 metros de calado y mover en torno a un millón de contenedores por año. El acceso por carretera al Puerto ya está concluido y el acceso ferroviario está en construcción. En esta primera fase, nosotros financiamos, a través del BNDES, 802 millones de dólares estadounidenses en bienes y servicios, proceso en el que también participaron 400 empresas brasileñas. En la segunda etapa, financiaremos con 290 millones de dólares la implantación de la Zona Especial de Desarrollo de Mariel, que se convertirá en una pieza clave en la promoción del desarrollo económico cubano. Varias empresas brasileñas ya han manifestado un gran interés en instalarse en la Zona Especial. En este momento estamos organizando una misión empresarial a Cuba.

Brasil quiere convertirse en un socio económico de primer orden para Cuba. Creemos que una manera de estimular esa asociación es aumentar el flujo bilateral de comercio. Hay grandes posibilidades de desarrollo industrial conjunto, por ejemplo, en los sectores de equipamiento para la salud, de medicamentos y de vacunas, en los que Cuba domina la tecnología punta.

Queridas amigas y queridos amigos:

2013 ha sido un año muy especial para la asociación Brasil-Cuba. La implantación del vuelo semanal de Cubana de Aviación entre São Paulo y La Habana estimulará el turismo y los negocios entre nuestros pueblos.

También deseo aprovechar esta oportunidad para agradecer públicamente al Gobierno y al pueblo de Cuba por su enorme contribución al sistema brasileño de salud a través del programa Más Médicos. La participación de los médicos cubanos cuenta con una amplia aprobación por parte del pueblo brasileño, y supone una prueba efectiva del espíritu de solidaridad y cooperación que guía la relación entre nuestros países.

2013 ha sido igualmente un año muy especial para la integración regional. La celebración de la Cumbre de la Celac en La Habana pone de manifiesto la importancia de Cuba en el proceso de integración latinoamericana y caribeña. Nuestra región sólo estará completa con Cuba.

Señoras y señores, querido presidente Raúl:

La amistad que nos une se nutre de intereses comunes, de identidad cultural, de diálogo y de cooperación. Este puerto que hoy inauguramos permanecerá como símbolo de esta amistad duradera.

Muchas gracias a todos.

# 27-01-2014 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de inauguração do Porto de Mariel - Província de Artemisa/Cuba

Província de Artemisa-Cuba, 27 de janeiro de 2014

Excelentíssimo senhor Raúl Castro, Presidente da República de Cuba,

Senhoras e senhores chefes de Estado e de Governo,

Senhoras e senhores ministros de estado e integrantes das delegações que se encontram aqui presentes,

Senhor Luis Alberto Rodríguez López-Calleja, presidente do Grupo de Administração de Empresas das Forças Armadas Revolucionárias,

Senhor Marcelo Odebrecht, diretor-presidente da Odebrecht,

Senhoras e senhores empresários, investidores e colaboradores do Porto de Mariel,

Senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas,

É com grande alegria que venho a Cuba pela segunda vez como presidenta da República. Laços profundos unem os nossos países, um sentimento de amizade aproxima nossas sociedades. O Brasil acredita e aposta no potencial humano e econômico de Cuba.

Mesmo submetido a injusto embargo econômico, Cuba gera um dos três maiores volumes de comércio do Caribe, desempenho que aumentará substancialmente com a entrada em funcionamento do Porto e da Zona Especial de Desenvolvimento de Mariel.

O Brasil orgulha-se por associar-se a Cuba neste que é o primeiro Porto/ Terminal de contêineres do Caribe, com capacidade para integrar-se à cadeia logística interoceânica. Poderá receber embarcações super Pós-Panamax de até 18 metros de calado e movimentar cerca de 1 milhão de contêineres/ano. O acesso rodoviário ao Porto está concluído e o acesso ferroviário em construção. Nós financiamos por meio do BNDES, nessa primeira fase, US\$ 802 milhões em bens e serviços, e também envolvemos neste processo 400 empresas brasileiras. Na segunda etapa, vamos financiar US\$ 290 milhões para a implantação da Zona Especial de Desenvolvimento de Mariel, que se tornará peça-chave na promoção do desenvolvimento econômico cubano. Várias empresas brasileiras manifestaram grande interesse em se instalar na Zona Especial. Nesse momento estamos organizando uma missão empresarial para Cuba.

O Brasil quer tornar-se parceiro econômico de primeira ordem para Cuba. Acreditamos que uma maneira de estimular essa parceria é aumentar o fluxo bilateral de comércio. São grandes as possibilidades de desenvolvimento industrial conjunto, por exemplo, nos setores de equipamentos para a saúde, e de medicamentos, vacinas, nos quais a tecnologia de ponta é dominada por Cuba.

Queridas amigas e caros amigos,

O ano de 2013 foi muito especial para a parceria Brasil-Cuba. O estabelecimento do voo semanal da Cubana de Aviação entre São Paulo e Havana irá estimular o turismo e os negócios entre os nossos povos.

Quero também aproveitar essa oportunidade para agradecer de público ao governo e ao povo cubanos pela enorme contribuição ao sistema brasileiro de saúde por meio do programa Mais Médicos. A participação dos médicos cubanos é amplamente aprovada pelo povo brasileiro, e é uma prova efetiva do espírito de solidariedade e cooperação que preside a relação entre os nossos países.

O ano de 2013 também foi muito especial para a integração regional. A realização da Cúpula da Celac, em Havana, evidencia a importância de Cuba no processo de integração latino-americana e caribenha. Somente com Cuba nossa região estará completa.

Senhoras e senhores, querido presidente Raúl,

A amizade que nos une nutre-se de interesses comuns, identidade cultural, diálogo e cooperação. Esse porto que hoje inauguramos permanecerá como o símbolo dessa amizade duradoura.

Muito obrigada a todos.

Ouça a íntegra (05min56s) do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-inauguracao-do-porto-de-mariel-05min50s) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-inauguracao-do-porto-de-mariel-05min50s>) da Presidenta Dilma

# 28-01-2014 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante a I sessão de trabalho da II Cúpula da Comunidade dos Estados Latino-Americanos - Celac - Havana/Cuba

Havana-Cuba, 28 de janeiro de 2014

...Comunidade dos Países Latino-Americanos e Caribenhos, a nossa Celac,

Senhor secretário-geral da ONU. Ao cumprimentar o senhor Ban Ki-moon, cumprimento e saúdo os dirigentes dos organismos internacionais aqui presentes.

Senhoras e senhores ministros de Estado e integrantes das delegações dos países-membros da Celac e convidados especiais,

Senhoras e senhores,

Quero, em primeiro lugar, agradecer ao governo cubano, na pessoa do presidente Raúl Castro, pela hospitalidade com que fomos recebidos, e felicitar a qualidade da organização deste evento. É uma alegria estar em Havana, lado a lado com os meus colegas latino-americanos e caribenhos. O Brasil gostaria de reconhecer, aqui e agora, o êxito alcançado por Cuba à frente da presidência da Celac. Sei que meu sentimento é compartilhado por todos aqueles que nunca se conformaram em ver Cuba excluída dos fóruns regionais e multilaterais. A presidência de Cuba na Celac mostrou, mais uma vez, o quanto é anacrônica essa exclusão à qual o Brasil sempre se opôs. Criticamos com empenho a política de bloqueio a Cuba. Temos a convicção que não haverá verdadeira integração econômica na América Latina e no Caribe sem Cuba.

Ontem tive o prazer de inaugurar, com o presidente Raúl Castro, o megaporto terminal de contêineres de Mariel, um dos maiores da região, construído por um consórcio cubano-brasileiro, com financiamento do meu país. É um porto com 18 metros de calado e com capacidade para operar navios de grande porte, os chamados Super Post-Panamax. Sem dúvida, este porto é um exemplo concreto das possibilidades da cooperação e da integração latino-americana. Com ele, fica claro que não só a cooperação é possível, como é necessária uma política de convergência que reduza as assimetrias entre nossos países.

Senhoras e senhores chefes de Estado e de Governo,

Até cinco anos atrás, os chefes de Estado e de Governo da América Latina e do Caribe nunca se haviam reunido de forma exclusiva. A reunião que lançou o projeto Celac, realizada na Bahia, no Brasil, em 2008, marcou esse encontro histórico e inédito. É inacreditável que tenhamos esperado 500 anos para que isso acontecesse.

Nesses últimos cinco anos, avançamos a passos firmes na construção de consensos regionais. Consensos que são muito necessários devido à nossa diversidade. Somos uma região de extraordinária variedade étnica, cultural e geográfica. Optamos por modelos políticos e econômicos diversificados, o que exige diálogo respeitoso e consensos cuidadosamente construídos. Estamos unidos em muitas coisas: estamos unidos no combate

à pobreza; estamos unidos na busca do desenvolvimento econômico; estamos unidos na criação e geração de empregos; estamos incluídos na luta pela paz, na luta contra a discriminação e estamos, sobretudo, incluídos na luta e na busca da prosperidade para os nossos países e região.

Foram esses sentimentos comuns que nos permitiram atravessar, sem maiores sobressaltos, a difícil situação econômica internacional criada pela crise de 2008. O início deste momento de pós-crise que agora vivemos e as turbulências geradas pela redução dos estímulos monetários nos países desenvolvidos, ou seja, pela saída da crise nos países desenvolvidos, torna o tamanho de nossos mercados cada vez mais estratégicos e coloca no centro dos desafios a nossa capacidade de construir, de articular e de criar entre nós ações concretas de cooperação no âmbito da Celac.

A saída definitiva dessa crise requer um enfoque que não privilegie apenas o curto prazo. É natural que, em um ambiente de crise e contaminado pelos seus efeitos adversos, muitas avaliações acabem privilegiando só essa dimensão temporal, ou seja, o curto prazo. É imprescindível, entretanto, resgatar o horizonte de médio e longo prazos para dar suporte aos diagnósticos e às ações necessárias ao crescimento das nossas economias, à criação dos empregos para os nossos povos, à redução das desigualdades sociais. Nessa perspectiva, ainda que as economias desenvolvidas mostrem claros indícios de recuperação, e isso é muito importante e positivo para o comércio internacional, é importante que nós tenhamos a consciência de que nós, as economias em desenvolvimento, as chamadas economias emergentes, continuaremos a desempenhar um papel estratégico.

Estamos falando de países especiais, países que ainda têm e, por muito tempo, terão as maiores oportunidades de investimento e de ampliação do consumo. Somos países que demandam infraestrutura logística diversificada, infraestrutura social e urbana, energia, petróleo, gás, minérios. Somos sociedades em processo de forte mobilidade social, nas quais se constituem novos e dinâmicos mercados internos, integrados por centenas de milhões de consumidores. Assim, é apressada a tese difundida recentemente, segundo a qual depois da crise as economias emergentes e em desenvolvimento serão menos dinâmicas.

Precisamos nos dispor a integrar nossos mercados cada vez mais e a criar fluxos de investimento entre nossos países. A Celac é um poderoso instrumento de aproximação entre nossos Estados-membros. Nossos países têm aprendido a somar suas diferenças. No fundo, a Celac torna o Caribe mais latino-americano, e a América Latina mais caribenha. A Celac é, também, uma ferramenta valiosa para o diálogo da nossa região com o resto do mundo. Nos últimos anos estreitamos relações com atores internacionais os mais diversos, como a União Europeia, a China, a Rússia e o Conselho de Cooperação do Golfo. Alguns documentos a serem adotados durante esta cúpula são o resultado desse processo, como o Plano de Ação para 2014, a criação do Fórum de Cooperação Celac-China e a Declaração de Havana.

Caros amigos e amigas chefes de Estado e de Governo,

Demais presentes,

Gostaria de dizer que o tema escolhido para esta Cúpula é absolutamente central: a luta contra a fome, a pobreza e as desigualdades na América Latina e no Caribe. Acrescento, ainda, que devemos focar nossa ação na ampliação do acesso e na melhoria da qualidade da educação em nossos países, da creche à pós-graduação. Sabemos que a educação é condição para fazer face a um duplo desafio que está diante de nós. Por um lado, moldar nações democráticas, garantindo a perenidade da erradicação da miséria e da pobreza. Por outro, alicerçar o nosso crescimento na tecnologia e na inovação, forjando a entrada de nossos países à chamada “economia do conhecimento”.

Queremos que as economias latino-americanas e do Caribe agreguem valor, inovem em processos e produtos, além de serem grandes produtoras de alimentos, reservas da água doce do mundo, grandes produtoras de minérios e grandes produtoras de energia, petróleo e gás. Nosso objetivo deve ser criar uma geração de jovens latino-americanos que tenham qualidade técnica, criando, também, pesquisadores, cientistas e inovadores em todas as áreas da nossa economia.

Caros chefes de Estado e de Governo,

Nossa região ainda tem muito por fazer, em matéria de inclusão social e redução da desigualdade. Mas é preciso reconhecer, também, que isso é possível, até porque demos passos e temos resultados muito bons a mostrar. A América Latina e o Caribe crescem comprometidos com a distribuição de renda. Segundo os dados da Cepal e da OIT, o percentual de pessoas que viviam na pobreza, na nossa região, caiu, nas últimas décadas, de 48[%] para 28%; a pobreza extrema diminuiu de 22,6[%] para 11,5%. Ao longo dos anos mais recentes de crise econômica mundial, onde ocorreu, talvez, um dos processos mais duros e violentos de redução dos empregos e de diminuição dos investimentos, a América Latina e o Caribe têm mantido capacidade também para atrair investimentos. Até porque é importante sempre lembrar: somos um dos maiores mercados mundiais, um mercado de mais de 600 milhões de pessoas, e devemos ter consciência de sua importância e da urgência de nossa integração em um mundo que tem muito de fragmentação.

Segundo a Unctad, a Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento, fomos uma das regiões do mundo que manteve, nos últimos anos, um grande e elevado fluxo de investimento direto. No primeiro semestre de 2013, que tem... onde eu tenho os dados disponíveis, os fluxos de investimento cresceram 35% em relação ao primeiro semestre de 2012. Tudo isso foi possível porque soubemos consolidar as bases de nossas economias com políticas responsáveis, mas sem sacrificar nosso objetivo, que é o de promover o desenvolvimento e reduzir as terríveis desigualdades do nosso continente.

Senhoras e senhores,

Mais do que nunca, o Brasil sente-se hoje parte da América Latina e do Caribe. Compartilhamos uma identidade e uma trajetória histórica comum, e a convicção de que essa experiência será determinante para, juntos, e sem pretensões hegemônicas, enfrentarmos nossos desafios futuros. A integração regional latino-americana e caribenha é um projeto estratégico. É um projeto estratégico tanto do ponto de vista de seu mercado, como do ponto de vista do resgate de sua população por meio do combate à pobreza extrema, à pobreza e a elevação das nossas nações à condição de povos desenvolvidos.

Buscamos para todos os nossos países um melhor lugar na arena internacional. A Celac não impede as relações bilaterais entre os Estados dentro e fora da região, pelo contrário, tem a capacidade de fortalecê-las. Com a integração, criamos sinergias que fortalecem nossos projetos individuais de desenvolvimento. Com a integração, a prosperidade de cada um transforma-se na riqueza de todos

Agradeço, mais uma vez, ao governo de Cuba, aos irmãos Castro. E quero dizer da minha felicidade de estar aqui com um número expressivo de chefes de Estado, de chefes de Governo das nações latino-americanas e caribenhas. Esta reunião é uma reunião histórica, estou certa de que a nossa querida companheira da Costa Rica, a querida Laura Chinchilla, terá o mesmo êxito na presidência da Celac. Desejo a ela grande êxito. O Brasil acredita na Celac.

Cento e trinta anos atrás, José Martí celebrava a emancipação política das ex-colônias ibéricas. Creio que temos sido fiéis a essa emancipação. De colônias passamos à condição de Estados soberanos e hoje avançamos na construção de uma região cada dia mais integrada, uma América nossa, no dizer de José Martí. Região na qual nós, brasileiros, nos sentimos orgulhosos de viver. Finalmente, convido a todos os países, a todas as nações latino-americanas e caribenhas a viver conosco, brasileiros, a experiência da Copa das Copas no Brasil.

Hoje, na abertura, nós tivemos a oportunidade de nos comover com a riqueza da música da nossa região, a nossa diversidade musical, colorida e envolvente. O futebol tem a magia parecida com a da música: é colorido, artístico e envolvente. O Brasil receberá a todos os povos do mundo, e aqui eu quero dizer, em especial aos povos latino-americanos e caribenhos, com quem repartimos a maestria do futebol na nossa região, para comparecer à Copa do Mundo. Serão todos muito bem-vindos.

Obrigada.

Ouçã a íntegra (18min43s) do discurso  
(<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-a-i-sessao-de-trabalho-da-ii-cupula-da-comunidade-dos-estados-latino-americanos-e-caribenhos-2013-celac-havana-cuba-18min43s>), da Presidenta Dilma